

Uso da infografia multimídia na saúde e na ciência

Use of multimedia infographics in science and health

Cátia Mendonça

Infografista no jornal Público
catianmendonca@gmail.com

Resumo

Sempre existiu a necessidade de comunicar e desde sempre se narraram histórias relatando a realidade e recorrendo ao desenho como meio de difusão e entendimento. Para Pablos (1999), a infografia nasceu da união comunicativa de um desenho ou de uma pintura, enfatizado por um texto alusivo, mas só se afirmou enquanto disciplina com o surgimento da imprensa.

Com este artigo pretende-se dar a conhecer o surgimento da infografia e o seu significado, bem como salientar a importância do uso da infografia na divulgação de conteúdos de saúde e de ciência, tornando mais simples e objetiva a comunicação de informação aos recetores.

Palavras Chave:

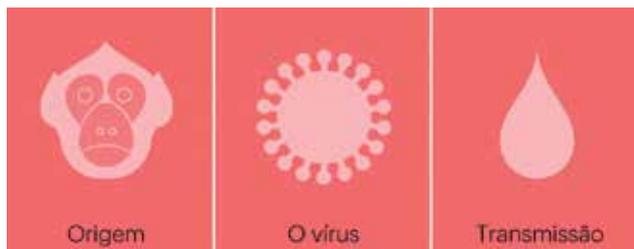
Infografia multimídia, saúde, ciência, comunicação.

Abstract

There has always been the need to communicate and there have always been narrated stories recounting reality. Frequently these stories use illustration as a means of communication and understanding. For Pablos (1999), infographics was born from a communicative union of a drawing and a text, but only if stated as a discipline with the emergence of the press. In this article, the aim is to make known the significance of infographics and its meaning, and to emphasize the importance of using it in disseminating health and science in content, offering a simple and objective communication of information to the user.

Key Words:

Multimedia infographics, health, science, communication.



Introdução

A infografia é considerada uma ferramenta de comunicação que torna o caótico compreensível (CAIRO, 2008), agregando informação textual e gráfico. É utilizada para tornar uma história mais precisa, mais científica, e utiliza elementos visuais como mapas, gráficos, esquemas e ilustrações combinadas com pequenos textos.

Por outro lado, a infografia multimédia é identificável pela convergência de diferentes elementos dinâmicos, tais como áudio, vídeo, fotografias, bases de dados, desenho em movimento e outros recursos interativos, formando assim uma linguagem multilinear.

No suporte impresso, a infografia existe há aproximadamente 200 anos (VALERO SANCHO, 2001), e no suporte digital evoluiu em paralelo com o desenvolvimento das redes de alta velocidade, onde adquiriu outras características e potencialidades que até então não poderia ter, encontrando campo para a sua expansão e tornando-se multimédia. Manteve as características essenciais da infografia impressa, contudo, ao ser realizada num outro suporte, sofreu algumas alterações e agregou as potencialidades do meio, estendeu a sua função e alterou a lógica estrutural.

A sua utilização aplica-se não só ao jornalismo mas também à engenharia, à estatística, à publicidade, ao *design* de produtos, à educação presencial e *online*, à tecnologia da informação, às

empresas de comunicação e entretenimento, aos manuais de instruções e, claro, à divulgação científica (RAJAMANICKAM, 2005; COLLE, 2004). Permite ainda explicar minúcias que passariam despercebidas – pormenores de processos médicos, eventos microscópicos, subterrâneos, submarinos ou espaciais (PABLOS, 1999).

As imagens andaram sempre lado a lado com a saúde e a ciência, no registo de pensamentos e na explicação de ideias difíceis de transmitir apenas com texto. Por isso, a infografia pode considerar-se um veículo importante para a divulgação de conteúdos de saúde e ciência e pode ser determinante para a sua compreensão, porque permite uma leitura rápida e converge todas as informações dispersas numa única arquitetura de informação que pode ser partilhada na Internet. Por ser uma ferramenta em que a informação e a comunicação acontecem em simultâneo, a leitura da mensagem compreendida no conteúdo deve ser recebida sem interferência.

O uso desta linguagem gráfica, na divulgação de informação relacionada com a saúde, pode ser relevante, principalmente nas sociedades subdesenvolvidas, onde o acesso à informação é muitas vezes um problema. O modo como se transmitem as doenças tropicais é ainda para muitas destas pessoas uma informação desconhecida e, assim, a utilização de esquemas iconográficos em panfletos explicando a transmissão de doenças pode ser uma forma de prevenção.

Desenvolvimento

1.1 Contexto histórico

Durante toda a história da comunicação entre os seres humanos, as imagens tiveram sempre um destaque muito im-

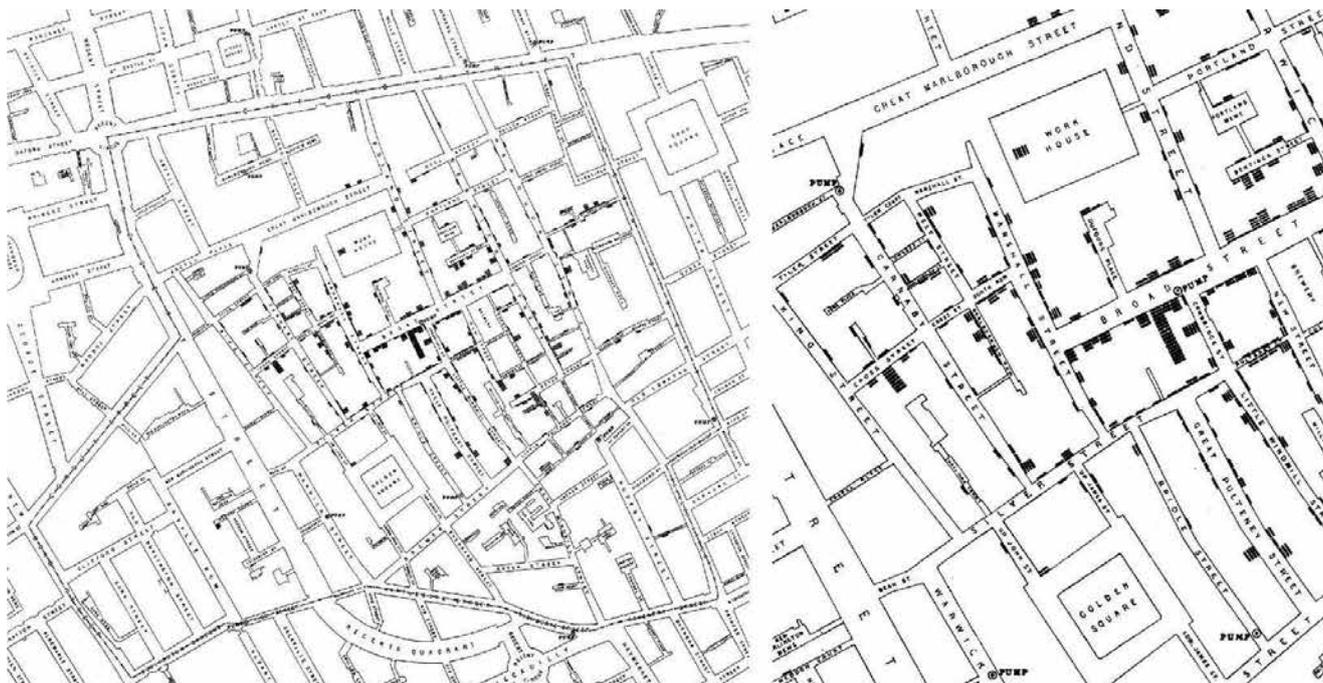


Figura 1 – Mapa da epidemia de cólera em 1854

portante. Peltzer (1991) considera que o visual é anterior a qualquer linguagem na história das comunicações e cita como exemplo as pinturas rupestres feitas nas cavernas pré-históricas. Supõe-se, portanto, que as raízes da infografia estejam na Pré-História, quando o homem das cavernas descobriu o traço e a cor e expressou a sua cultura em suportes de pedra. Essas primeiras manifestações possuem informação visual referente à realidade, ao cotidiano do homem e dos ecossistemas de vida daquele período (CAIRO, 2005). Alberto Cairo (2005) escreve, contudo, que tais manifestações não devem ser consideradas a primeira tentativa de comunicação visual, porque, infelizmente, não se sabe exatamente o que é que o homem das cavernas tentou comunicar quando representava na parede, com desenhos estilizados, os animais que caçava. Não se sabe nem se o homem daquela época tinha a pretensão de comunicar algo (VALERO SANCHE, 2001). Cairo (2005) defende que, provavelmente, a primeira tentativa sistemática e comprovada de comunicação visual aparece na Antiguidade com os mapas primitivos gravados em couro.

Muitas das representações inseridas na história são infografias, como, por exemplo, relatos da realidade vivida ou anotações médicas e científicas, simplesmente não estão categorizadas e analisadas como tal, são peças de informação que nos ajudaram a compreender a evolução do mundo. Um exemplo dessas peças de informação são os mapas que foram sendo desenhados em paralelo com os Descobrimentos. Esses registos geográficos e cartográficos ao longo da história são representações visuais de informação.

No século XVII nasceu uma nova variedade de cartografia chamada cartografia temática, que permitia a representação quantitativa de dados (CAIRO, 2008). Sobre o mapa, era possível colocar informação estatística e relacioná-la com a sua localização geográfica. Entre um dos exemplos mais conhecidos está o mapa da epidemia de cólera no bairro de Soho (Londres) (figura 1), desenhado pelo médico John Snow em 1854. Este mapa representa as mortes provocadas pela doença recorrendo a barras, e a localização dos poços e bombas de água utilizando círculos. O médico conseguiu, por este meio, traçar um padrão de disseminação da doença e parar a epidemia.

Outras peças que nos ajudaram a compreender melhor o mundo foram as ilustrações científicas. Alberto Cairo (2008) considera que a ilustração científica nasce antes da enunciação do método científico. Na Idade Média surgiram tratados sobre a anatomia humana baseados na observação de Cláudio Galeno, cujos ensinamentos, durante o Renascimento, influenciaram, em muitos casos, médicos de todo o mundo, numa altura em que a dissecação do corpo humano era mais ou menos comum, apesar da proibição da Igreja (CAIRO, 2008).

Nenhuma história sobre a visualização de informação estaria completa se não se falasse de Leonardo da Vinci, polímata que combinou a sua curiosidade científica com a capacidade artística, deixando uma herança de representações visuais. Menos famoso que Leonardo, mas também relevante para a história



Figura 2 – Página de *De humani corporis fabrica*

da infografia, foi Andrea Vesalius, médico nascido em Bruxelas e autor do tratado de anatomia mais influente de todos os tempos: *De humani corporis fabrica*, (figura 2), obra que foi ilustrada (pelo menos em parte) pelo artista flamengo Jan Stephen van Calcar e publicado em 1543 (CAIRO, 2008).

Os grandes médicos e cientistas da história tinham todos algo em comum: foram pensadores visuais e usaram métodos de visualização de informação, para explicações dirigidas ao público, como nas suas notas pessoais durante as suas pesquisas.

1.2 Uso da infografia multimédia na saúde e na ciência

A infografia multimédia permite um envolvimento por parte do utilizador/leitor. É uma ferramenta intuitiva, simples e objetiva e o conteúdo presente tem uma rentabilidade mais elevada porque é partilhado no ciberespaço.

Se analisarmos como exemplo a infografia multimédia "VIH: O vírus que apareceu em Kinshasa em 1920 e alastrou

para o mundo inteiro"¹, trabalho jornalístico sobre a origem do VIH, publicado no *site* do jornal *Público* para assinalar o Dia Mundial da Luta contra a Sida, podemos observar que é composto por cinco "blocos" de informação sobre o mesmo tema, o VIH. Esta separação foi pensada para que o leitor pudesse fazer a sua escolha relativamente à subtemática que desejasse ler. Todos os blocos de informação têm uma narrativa visual distinta e podem ser vistos sem uma sequência ordenada.

O conteúdo utilizado nessa infografia pode sempre ser atualizado ou melhorado. Como não há limitação de espaço, os cinco blocos de informação podem aumentar para um número superior consoante a necessidade de acrescentar conteúdos.

A linguagem gráfica utilizada facilita a comunicação e amplia o potencial de compreensão por parte dos leitores, permitindo uma visão geral do acontecimento, pormenorizando informações menos familiares ao público, como é o caso da explicação do que é o vírus do VIH e como se transmite por determinadas vias e não por outras.

Na infografia multimédia existem visualizações mais complexas, que exigem competências técnicas mais exigentes para a sua construção: são as infografias em bases de dados. Neste caso, o utilizador tem uma nova experiência de inter-

pretação, podendo interagir, explorar a informação e ser ele próprio a personalizar, introduzindo e obtendo dados. As infografias em bases de dados podem ser originais e dinâmicas, permitindo uma maior densidade de informação.

1.3 Notas finais

Nas sociedades modernas estamos rodeados por uma densidade de informação que nos chega através dos diferentes *media*, mas nem toda a informação é compreendida e absorvida da mesma maneira pelos cidadãos. Quando se comunica saúde e ciência, quer por meio impresso quer *online*, a informação visual destaca-se quando o profissional de saúde ou o cientista pretende chamar a atenção para pormenores que com texto não seriam tão facilmente explicados. Uma boa representação infográfica ajuda a organizar o pensamento do leitor, tornando compreensíveis os pormenores que poderiam passar despercebidos. Ela é a exclusão da opinião para mostrar o essencial e é o objetivar de uma sequência narrativa.

1 - Infografia publicada no jornal publico.pt. Disponível em <http://www.publico.pt/multimedia/infografia/vih-o-virus-que-apareceu-em-kinshasa-em1920-e-alastrou-para-o-mundo-inteiro153>.

Bibliografia

- Cairo, A. (2005) *Sailing to the Future, Infographics in the Internet Era 1.0*, Multimedia Bootcamp, University of North Carolina at Chapel Hill.
- Cairo, A. (2008) *Infografia 2.0: visualización interactiva de información en prensa*. Madrid, Alamut.
- Colle, R. (2004) "Infografía: tipologías". *Revista Latina de Comunicación Social*, 58. Disponível em: http://www.ull.es/publicaciones/latina/latina_art660.pdf (consultado em 15 de setembro 2015).

- Pablos, J. M. de (1999) (2004) *Infoperiodismo – el periodista como creador de la infografía*. Madrid, Síntesis.
- Peltzer, G. (1991) *Periodismo Iconografico*. Madrid, Edições Rialp.
- Rajamanickam, V. (2005) *Infographics seminar handout*. Disponível em: https://venkatra.files.wordpress.com/2012/08/infographic_handout.pdf (consultado em 15 de setembro 2015).
- Valero Sancho, J. L. (2001) *La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos*. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.